

Uma tradução do projeto [Traduções Abolicionistas](#)

**Texto original:**

JACKSON, George. Towards the United Front, in: JAMES, Joy. (ed.) *Imprisoned intellectuals: America's political prisoners write on life, liberation, and rebellion*. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2003, pp. 84-93.

Tradução autorizada por Joy James.

Traduzido por Amós Caldeira.

Data de publicação: 17 abr. 2021.

## Sobre George Jackson<sup>1</sup>

### Por Joy James

George Lester Jackson nasceu em 23 de setembro de 1941, na parte oeste de Chicago, o segundo entre cinco filhos e filhas de Georgia e Lester Jackson. Georgia Jackson, homônimo de George, era muito protetiva, e proibia George e sua irmã de saírem sozinhos, exceto para a escola e para realizarem alguma tarefa. Seu filho, entretanto, demonstrava um gênio próprio. Em suas cartas da prisão, Jackson por vezes critica duramente seus pais, repudiando sua mãe por ensiná-lo “obediência” e seu pai por sua mentalidade “neo-escrava”.

A família se mudava entre bairros urbanos de Chicago, assentando-se finalmente em *Troop Street Projects*, onde para George Jackson problemas e conflitos com a polícia se tornaram rotina. Em 1956, procurando proteger seu filho, Lester Jackson pediu transferência em seu trabalho para Los Angeles. Mesmo assim, logo após se

---

<sup>1</sup> Nota da Edição Original (NEO): Pesquisa e esboço dessa biografia fornecida por Daniel Schleifer.

assentarem em Los Angeles, George começou a ter sérios confrontos com a lei. Após a tentativa de furto de uma motocicleta (que ele alegou ter comprado), ele foi enviado para a *Paso Robles School for Boys* [Escola para Garotos de Paso Robles], uma instituição da *California Youth Authority* [Autoridade Juvenil da Califórnia]. Em Paso Robles, ele evitou atenção disciplinar pelos sete meses de sua condenação por ler o trabalho de Rafael Sabatini e Jack London.<sup>2</sup>

Em 1958, poucos meses depois de seu livramento condicional, Jackson e diversos amigos foram presos por assaltos pelos quais ele se declarou culpado. Ele fugiu da cadeia de Bakersfield e foi recapturado para cumprir o restante de sua condenação. Depois de sua soltura, em 18 de setembro de 1960, Jackson supostamente dirigiu o carro de fuga depois de seu amigo roubar 71 dólares de um posto automotivo. Ele concordou confessar em troca de uma condenação mais leve; o juiz o condenou de 1 ano à prisão perpétua, uma condenação planejada para permitir flexibilidade judicial, mas que em última instância colocava a determinação da pena nas mãos dos administradores prisionais. Inicialmente enviado para a prisão de Soledad, ele foi transferido pelo menos quatro vezes durante seu encarceramento. Durante os primeiros anos, ele e seu amigo próximo, James Carr, conquistaram poder e respeito dentro da prisão como os líderes de uma gangue chamada “*Wolf Pack*” [Matilha]. Cada ano, Jackson não conseguia o livramento condicional por causa de suas infrações.

George Jackson entrou na prisão em um período em que presos como Eldridge Cleaver, que escreveria *Soul on Ice* [Alma no gelo] e se tornaria um líder nacional do *Black Panther Party* [Partido dos Panteras Negras], estavam começando a estudar seriamente as condições de seu

---

<sup>2</sup> NEO: *Soledad Brother: The Prison Letters of George Jackson* (Chicago: Lawrence Hill Books, 1994), p. 14. Ver também: Rafael Sabatini, *The Writings of Rafael Sabatini* (Boston: Houghton Mifflin, 1924); Jack London, “Pinched: A Prison Experience” e “The Pen: Long Days in a Country Penitentiary” em *Prison Writing in 20<sup>th</sup>-Century America*, organizado por H. Bruce Franklin (New York: Penguin, 1998); Jack London, *The Call of the Wild* (New York: The Daily Worker, 1915); Philip S. Foner, ed., *Jack London, American Rebel* (New York: Citadel Press, 1947).

## Sobre George Jackson

encarceramento. W. L. Nolen, uma grande figura desse movimento, foi o primeiro a introduzir Jackson à filosofia radical. Na medida em que o registro disciplinar de Jackson crescia, ele foi obrigado a passar até 23 horas por dia na solitária. Ali ele leu Karl Marx, V. I. Lenin, Leon Trotsky, Friedrich Engels, Mao Zedong, e outros teóricos políticos. Em 1968, Jackson, Nolen, David Johnson, Carr, e outros revolucionários condenados, começaram a liderar “aulas de consciência étnica” – grupos de estudo sobre filosofia radical. Esses encontros levaram à formação do *Black Guerilla Family* [Família da Guerrilha Negra], uma organização revolucionária (descrita pelas autoridades como uma “gangue”) que proclamava o direito dos presos negros à autodefesa.

Em janeiro de 1969, Jackson e Nolen foram transferidos para a prisão de Soledad, um *locus* penal notoriamente racista entre as prisões racistas. Na Ala O, que abrigava os cativos mais perigosos de Soledad, a tensão racial levou ao fechamento do pátio de exercício. Nolen e outros cinco internos negros estavam preparando ações civis contra os guardas da Ala O pela sua cumplicidade em criar uma perigosa atmosfera racial dividida.

Em 13 de janeiro de 1970, os guardas reabriram o pátio de exercício da Ala O, e soltaram um grupo racial heterogêneo de presos, conscientes do potencial para a violência.<sup>3</sup> A luta que começou imediatamente foi rapidamente encerrada pelo guarda Opie Miller, um atirador de elite que disparou quatro tiros, matando os internos afro-americanos Nolen (mentor de Jackson), Cleveland Edwards, e Alvin Miller, e ferindo um preso branco.<sup>4</sup> Três dias depois, um júri do condado de Monterey julgou as mortes como “homicídio justificável”. Após a divulgação do julgamento, o guarda John V. Mills foi lançado para a morte do terceiro nível da Ala Y – o bloco de celas de Jackson.

Um mês depois, sem nenhuma evidência física, Jackson, Fleeta Drumgo, e John Cluchette foram indiciados pela morte de Mills. Huey

---

<sup>3</sup> NEO: Jo Durden-Smith, *Who Killed George Jackson?* (Nova Iorque: Knopf, 1976), p. 177.

<sup>4</sup> NEO: *Who Killed George Jackson?*, p. 177.

P. Newton solicitou que sua advogada, Fay Stender, se encontrasse com Jackson. Depois da reunião, Stender formou o *Soledad Brothers Defense Committee* [Comitê de Defesa dos Irmãos Soledad], que eventualmente foi liderado por Angela Davis.<sup>5</sup>

Stender também providenciou a publicação do influente *Soledad Brother: The Prison Letters of George Jackson* [Irmão Soledad: As cartas prisionais de George Jackson]. Dois meses antes de sua publicação, o irmão de 17 anos de Jackson, Jonathan, entrou no tribunal do condado de Marin – com armas registradas em nome de Angela Davis – durante o julgamento do preso James McClain, que era acusado de esfaquear um guarda de Soledad. Jonathan Jackson armou McClain e, com os presos Ruchell Magee e William Christmas como testemunhas, conduziram o promotor, o juiz Harold Haley, e três jurados para uma van estacionada do lado de fora. Policiais dispararam contra a van sem nenhuma consideração pelos reféns, de acordo com a política prisional, matando Christmas, McClain e Jackson; ferindo Magee; e matando Haley e ferindo outros reféns.

A seguinte versão de eventos é reunida de uma variedade de fontes (por vezes contraditórias). Em 21 de agosto de 1971, Stephen Bingham (que havia substituído Stender na defesa de Jackson) visitou George Jackson em San Quentin. Dentro do gravador de voz de Bingham estava escondida uma pistola 9mm e uma peruca afro. Durante sua reunião em uma sala privada para advogados, Bingham supostamente deu a arma para Jackson, que este colocou em sua cabeça e cobriu com a peruca. Posteriormente, um guarda percebeu algo

---

<sup>5</sup> NEO: Oito anos depois da morte de George Jackson, Fay Stender foi alvejada em 1979, supostamente por um membro do *Black Guerilla Family* por não apoiar as políticas militaristas de Jackson. Ela sofreu ferimentos graves que levaram à sua paralisia. Stender cometeu suicídio em maio de 1980. Ver Paul Liberatore, *The Road to Hell: The True Story of George Jackson, Stephen Bingham, and the San Quentin Massacre* (Nova Iorque: Atlantic Monthly Press, 1996), p. 199.

## Sobre George Jackson

protuberante no cabelo de Jackson e pediu para vê-lo.<sup>6</sup> Descoberto, Jackson carregou e disparou a arma, subjugando o(s) guarda(s) e libertando a maioria dos presos no Centro de Correção. Três guardas e dois presos brancos de confiança foram executados na tomada de controle. Quando Jackson saiu apressadamente do Centro de Correção para o pátio, ele foi alvejado nas costas. Stephen Bingham, que eventualmente emergiu do esconderijo para enfrentar julgamento, foi absolvido em 1986.

## REFERÊNCIAS

- Durden-Smith, Jo. *Who Killed George Jackson?* Nova Iorque: Knopf, 1976.
- Jackson, George. *Blood in My Eye*. Baltimore: Black Classic Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. “Letters to Jonathan Jackson”. In: *If They Come in the Morning: Voices of Resistance*, organizado por Angela Y. Davis e Bettina Aptheker, 148-51. San Francisco: National United Committee to Free Angela Davis, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Soledad Brother: The Prison Letters of George Jackson*. Chicago: Lawrence Hill Books, 1994.
- \_\_\_\_\_. “A Talk with George Jackson.” Entrevista com Jessica Mitford. *New York Times*, 13 jun. 1971, sec. 7, 30.
- \_\_\_\_\_. “Towards the United Front.” In: *If They Come in the Morning: Voices of Resistance*, organizado por Angela Y. Davis e Bettina Aptheker, 148-51. San Francisco: National United Committee to Free Angela Davis, 1971.
- Mann, Eric. *Comrade George: An Investigation into the Life, Political Thought and Assassination of George Jackson*. Nova Iorque: Harper & Row, 1974.

---

<sup>6</sup> NEO: “Pistol and Wig Experiment”, *San Francisco Chronicle*, 28 aug. 1971. Citado em Eric Mann, *Comrade George: An Investigation into the Life, Political Thought and Assassination of George Jackson* (Nova Iorque: Harper & Row, 1974).

## Rumo à frente unida<sup>7</sup> (1971) George Jackson

Já existe uma nova corrente unitária e progressista no movimento em torno dos presos políticos. A questão nesta altura, penso eu, é como desenvolver ainda mais uma conduta unitária – contra a resistência natural das maquinações do *establishment* – mediante a criação de novas iniciativas e uma dialética tão clara em sua argumentação, apresentação e implementação que forçará por si só o isolamento de elementos reacionários. Tanto reações individuais quanto coletivas devem ser isoladas.

Conduta unitária implica em uma “busca” por algo em comum, uma procura consciente pelo relevante, o entendimento e, especialmente em nosso caso, o reconciliável. Por todo o processo centralizador-autoritário da história americana, as classes dominantes acharam conveniente, na verdade necessário, introduzir na população instrumentalidades designadas a desencorajar e punir qualquer oposição genuína à hierarquia. Sempre existiram indivíduos e grupos que rejeitavam o ideal de sociedade acima da sociedade. Os homens que se colocaram acima da sociedade mediante artimanhas, resultados fortuitos das circunstâncias e pura brutalidade desenvolveram duas principais instituições para lidar com qualquer e toda desobediência séria – a prisão e o racismo institucionalizado. Há mais prisões de todas as categorias nos Estados Unidos do que em todos os outros países do mundo juntos. Há sempre dois terços de um milhão de pessoas ou mais confinadas nessas prisões. Centenas estão destinadas à execução legal e milhares à semilegal. Outros milhares jamais possuirão novamente qualquer liberdade de movimento salvo uma mudança revolucionária em todas as instituições que se conjugam para criar a ordem das coisas. Dois terços de um milhão de pessoas pode não parecer um grande

---

<sup>7</sup> NEO: Originalmente publicado em *If they come in the Morning: Voices of Resistance*, ed. Angela Y. Davis e Bettina Aptheker (Nova Iorque: The Third Press, 1971), p. 141-47.

número comparado com o total da população de quase 205 milhões.<sup>8</sup> Entretanto, comparado ao um milhão que é responsável por todos os negócios dos homens no estado ampliado, isso constitui um contraste impressionante de modo algum coincidente, e talvez merecedor de uma análise cuidadosa. O que quero explorar agora é um pouco dos elementos sutis que eu tenho observado obstruírem o caminho de uma tão necessária frente unida (não-sectária) para efetivamente reverter a exploração legitimada.

Vou enfatizar novamente que as prisões não foram institucionalizadas em uma escala tão massiva pelo povo. Embora todo crime possa ser considerado uma manifestação de antítese, alguns crimes operam para o inequívoco prejuízo do povo. A maioria dos crimes, entretanto, é claramente um simples efeito de uma distribuição grosseiramente desproporcional de riqueza e privilégio, um reflexo do estado presente das relações de propriedade. Não há homens ricos no corredor da morte e há pouquíssimos na população prisional em geral de modo que podemos descartá-los completamente – o encarceramento é um aspecto da luta de classes desde o início. De uma sociedade fechada, projetada para isolar aqueles que de modo até bastante saudável desconsideram as estruturas de um *establishment* hipócrita com suas ações individuais, e aqueles que organizariam uma base massiva para tal ação. A história dos EUA é repleta de exemplos de ambos os tipos, a última se estendendo desde o *Working Men's Benevolent Association* [Associação Benevolente dos Homens Trabalhadores], passando pelos eventos em torno da *Ancient Order of Hibernians* [Antiga Ordem dos Hibernianos], *The Working Men's Party* [O Partido dos Homens Trabalhadores] que se organizou contra os excessos da depressão de 1877, até a era presente quando o *Communist Party* [Partido Comunista dos EUA] foi banido (durante a tomada

---

<sup>8</sup> NEO: Atualmente, há aproximadamente 2.5 milhões de pessoas encarceradas em cadeias ou prisões nos Estados Unidos.

## Rumo à frente unida

fascista deste país), e o *Black Panther Party* [Partido dos Panteras Negras] atacado e banido em sentido prático.<sup>9</sup>

A hipocrisia do fascismo americano<sup>10</sup> não permitirá a declaração aberta de que esse sistema possui infratores políticos – por isso as centenas de versões de leis conspiratórias e de incriminações altamente sofisticadas. Esse é o primeiro ponto de ataque no sentido educacional. Por que as prisões existem em tal número, qual é o verdadeiro motivo econômico do crime, e a classificação diacrítica de tipos de infratores ou vítimas? Se infratores é o melhor termo, deve-se apresentar claramente que a linguagem da lei é definitivamente tendenciosa e enganosa, deve ser claro que quando alguém “infringe” o estado totalitário, não se trata evidentemente de uma infração contra o povo desse estado, infringir contra o estado se traduz em um ataque contra o privilégio e os poucos privilegiados.

Poderia algo ser mais ridículo que os títulos oficiais das acusações: “O Povo do Estado<sup>11</sup> ... vs. Bobby Seale e Ericka Huggins”

---

<sup>9</sup> NEO: A *Working Men's Benevolent Association* e a *Ancient Order of Hibernians* eram organizações trabalhistas da Pensilvânia relacionadas aos “*Molly Maguires*”. De acordo com Eileen O’Gara, os

“Molly Maguires eram mineiros da região de carvão antracite da Pensilvânia que se organizaram em um sindicato durante os anos de 1860 e 1870. Esses mineiros eram majoritariamente, embora não exclusivamente, irlandeses e o sindicato foi chamado de *Working Men's Benevolent Association*. Em geral, os membros desse sindicato também eram membros da *Ancient Order of Hibernians*, uma sociedade fraternal quase secreta, que tinha suas origens na Irlanda como uma associação completamente secreta e anônima.” (Eileen O’Gara, “*The Molly Maguires*”, *Student Web Projects*, 1998).

Ver Kevin Kenny, *Making Sense of the Molly Maguires* (Nova Iorque: Oxford, 1998); S.B Liljegren, *The Irish Element in the Valley of Fear* (Copenhague: Uppsala, 1964). Quando ele alega que o “Partido Comunista dos EUA foi banido”, Jackson provavelmente se refere ao *Communist Control Act* de 1954, que, em efeito, tornou a filiação ao Partido Comunista ilegal nos Estados Unidos (Howard Zinn, *A People's History of the United States* [Nova Iorque: Harper & Row, 1980], p. 422-23).

<sup>10</sup> Nota da Tradução (NT): No original, *Amerikan Fascism*. A troca do “c” pelo “k” é uma referência ao racismo institucional estadunidense que encontra sua forma organizacional mais marcante na figura da Klu Klux Klan – KKK.

<sup>11</sup> NT: No original, *The People of the State*.

## George Jackson

ou “O Povo do Estado... vs. Angela Davis e Ruchell Magee.” Qual povo é referenciado? – claramente a hierarquia, a minoria armada.

E então nos casos dos Joãos Ninguéns em que realmente um roubo ou furto foi cometido, devemos elucidar as causas reais dos crimes econômicos; ou qualquer crime, passional contra a repressão, o crime de excitação, devemos ser totalmente inclusivos. Todo crime é motivado pela simples opressão econômica, ou os efeitos psicossociais de uma ordem econômica que era decadente há 100 anos. Condições socioeconômicas objetivas significa as atividades sociais produtivas ou contraproducentes, em todos os casos determinadas pelo sistema econômico, o método de organização econômica, a manutenção dessa organização contra as forças do progresso que a mudariam. Até mesmo a psicologia do indivíduo doente, autor de um “crime de excitação” deve ser em última instância identificado no contexto de uma sociedade doente.

Presos devem ser contactados e ensinados que eles são vítimas da injustiça social. Essa é a minha tarefa trabalhando de dentro (enquanto eu estou aqui – meu credo é que a guerra continua não importa onde alguém possa se encontrar em solo dominado pela burguesia). O número bruto da classe prisioneira e os termos de sua existência os torna um poderoso reservatório de potencial revolucionário. Trabalhando sozinho e de dentro de uma sociedade de aço enclausurada há muito pouco que pessoas como eu podem fazer para libertar o potencial revolucionário restringido. Isso é parte da tarefa do “Movimento Prisional”. “O Povo do Estado... vs. João Ninguém.” Homem contra si próprio.

O “Movimento Prisional” serve a um outro importante fim político. Ele deixa a classe dominante consciente de nossa determinação de nunca abrir mão de nosso direito econômico de possuir os instrumentos de produção em nossas mãos exceto em caso de morte física. Detenção não conterà o nosso movimento. O movimento de 7

## Rumo à frente unida

de agosto<sup>12</sup> e todos os atos de, e tentativas para, dar um fim ao opressor servem melhor a este aviso. Esses movimentos também indicam o objetivo último da consciência revolucionária em todos os níveis da luta, o nível principal no ponto da produção, e todos os níveis subestruturais. O objetivo é sempre o mesmo: a criação de uma infraestrutura capaz de dar campo ao exército popular.

Não deve haver entre nós aqueles que ainda não entendem que a revolução é agressiva, e que fazer demandas aos manipuladores do sistema, que eles não podem cumprir ou não cumprirão, deve eventualmente nos mover para um encontro violento contra este sistema algum dia. Estes são os anos finais do capitalismo e na medida que nos movemos para áreas significantes das atividades anti-*establishment*, a história claramente nos alerta que quando o prestígio do poder falha, um episódio violento precede a sua transformação.

Podemos tentar limitar o escopo e a extensão da violência na revolução ao mobilizar o máximo de partidários possível em todos os níveis da vida socioeconômica, mas considerando o domínio que a classe dominante desse país tem sobre os apolíticos em geral, e sua história de violência, nada seria mais previsível que desordens civis, talvez até mesmo guerra civil. Não temo a ambas, pois não há aspectos positivos do capital monopolista, nenhuma garantia boa ou benéfica, portanto nenhuma reserva deve ser conhecida em sua destruição. Nenhuma interpretação do que será a revolução é realmente exigida, não nos EUA, não face ao capital monopolista. Na medida em que se encontra acima de nós, o capital monopolista é uma obstrução que nos

---

<sup>12</sup> NEO: Em relação ao “Movimento de 7 de agosto”, Jackson se refere ao seu irmão Jonathan e sua “tentativa revolucionária de libertar vários presos negros do tribunal do condado de Marin em agosto de 1970.” A tentativa “acabou em uma carnificina... Jackson, o juiz que ele sequestrou, e todos exceto um dos presos fugitivos morreram no tiroteio fora do tribunal”. Kathleen Neal Cleaver, “Back to Africa: The Evolution of the International Section of the Black Panther Party (1969-1972)”, in: *The Black Panther Party [Reconsidered]*, ed. Charles E. Jones (Baltimore: Black Classic Press, 1998), p. 235; Joy James, ed., *The Angela Y. Davis Reader* (Malden, Mass.: Blackwell, 1998), p. 10-11.

## George Jackson

deixa na sombra e nos tem feito seu servo. O capital monopolista deve ser completamente destruído, não rejeitado, não simplesmente transformado, mas destruído completamente, totalmente, brutalmente, incessantemente – exterminado o mais imediatamente possível!

Com isso como objetivo principal, provavelmente a conduta unitária de todas as partes envolvidas na luta ativa anti-*establishment* em vários níveis devem encontrar pouca dificuldade em desenvolver iniciativas e novos métodos consistentes com os objetivos da sociedade em massa.

Infelizmente, este não tem sido o caso, apesar de que, como afirmei, pode ser identificado no movimento prisional o início de uma corrente unitária que atravessa as barricadas ideológicas, raciais e culturais que têm em todo o tempo bloqueado a coalizão de forças de esquerda. Isso nos traz para outro aspecto vital da atividade em torno dos presos políticos. Talvez em nosso nível subestrutural com esforços cuidadosos para construir a frente unida podemos fornecer um exemplo para os partidários envolvidos em outros níveis da luta. As questões envolvidas e a dialética que flui da existência claramente objetiva da opressão manifesta pode ser a base, ou o trampolim, para a nossa entrada genuína na maré da crescente consciência socialista mundial. Para limpar o caminho dos obstáculos que impedem uma esquerda unida para a defesa dos presos políticos e presos em geral, deve ocorrer em primeiro lugar uma renúncia da ideia de que todos os participantes devem ter a mesma mente e devem trabalhar o problema a partir de uma única linha partidária ou singularidade metódica. Na verdade, o contrário é desejado. “De todos segundo a sua habilidade”. Cada partidário, fora dos elementos de vanguarda, deve proceder com uma estratégia de popularização na área de seu ambiente natural, os lugares onde segue a sua vida normal quando não está presente nos encontros e manifestações. Os elementos de vanguarda (trabalhadores organizados em partidos de todos os credos ideológicos) trafegam entre as pessoas concentradas nos pontos de encontro com estratégias elevadas, promovendo o compromisso e fornecendo atividades

## Rumo à frente unida

concretas, claras e definidas para serem popularizadas. Os elementos de vanguarda estão primeiro procurando pessoas que podem e vão contribuir para a construção da comuna, a infraestrutura – (com caneta e prancheta em mãos) –, e para aqueles que não podem ainda tomar esse passo, um “pacote” de panfletos é fornecido para utilização em suas buscas individuais.

Unidade dos grupos de esquerda neste aspecto subestrutural do movimento, que é centrado em torno de presos políticos e presos em geral é significante, portanto, de diversas maneiras. Com nosso exemplo podemos começar a quebrar os velhos padrões comportamentais que o capitalismo burguês tem conquistado, seu imperialismo e fascismo, vida após morte pelas últimas décadas. Libertamos uma massiva reserva potencial de partidários para o trabalho de base e finalmente começamos a abordar um dos mais complexos produtos psicossociais que o homem econômico com seu empreendimento privado tem produzido – o racismo.

Guardei por último essa barreira mais crítica para as nossas necessidades por unidade. O racismo é um problema de comportamentos tradicionais profundos condicionados através de instituições – para alguns, é um reflexo tão natural quanto respirar. Os efeitos psicossociais dos costumes dicotômicos estabelecidos por um racismo particularmente sensibilizado, combinado com a mais amarga repressão de classe, serviu no passado para nos render a todos praticamente inativos e, quando tentamos ações progressistas, particularmente impotentes.

Se uma esquerda unida é possível nesse país, o maior obstáculo deve ser considerado o racismo, o racismo da parte do branco para ser claro. As categorias podem ser melhor simplificadas reduzindo-as a três, o abertamente racista, que não faz questão em esconder sua antipatia; o racista que se autocensura, que protege e nutre o racismo apesar de seus melhores esforços; e o racista inconsciente, produto de noções preconcebidas que devem ser culpabilizadas na história.

## George Jackson

Eu nego prontamente a existência do racismo da parte do negro, eu negro. Muito sangue negro já fluiu entre o abismo que separa as raças, é fundamentalmente injusto esperar do homem negro que diferencie de vista o racista assumido, o racista que se autocensura e o racista inconsciente. O controverso “racismo do negro” é ou um saudável reflexo defensivo da parte de um sincero partidário negro tentando lidar com os problemas reais de sobrevivência e ascensão, ou o racismo de órgãos fantoches do governo.

Como partidários negros, devemos reconhecer e permitir a existência de todos os três tipos de racistas, na medida em que nos aceitamos em relação a eles, mas todos devem ainda ser visos como efeitos do sistema. É um sistema que deve ser destruído primeiro, pois ele continuará a produzir novas e mais profundas contradições tanto de classe quanto de raça. Uma vez que for eliminado talvez possamos abordar em profundidade os efeitos de sua presença, mas em grande medida devemos combater o racismo enquanto estamos no processo de destruí-lo. Os efeitos psicossociais de centenas de anos de posições mutuamente excludentes sobre raça, classe e símbolos, a hierarquia em geral deve ser isolada.

O racista que se autocensura, não importa sua convicção ou ideologia, raramente conseguirá contribuir com suas ações de qualquer modo concreto. Seu papel na revolução, exceto ocorra uma mudança fundamental de caráter, será mínimo durante o processo.

Se o caráter fundamental de um homem pode ser mudado é ainda uma dúvida. Mas... temos na imediaticidade das “questões em evidência” a oportunidade perfeita para testar novamente a validade da filosofia materialista.

A necessidade por uma conduta unitária vai além da libertação de Angela [Davis], Bobby [Seale], Ericka [Huggins], [Ruchell] Magee, Los Siete [de la Raza], [Reies Lopez] Tijerina, dos brancos excluídos que resistem, e agora do indômito e fiel James Carr.<sup>13</sup> Nós temos estratégia

---

<sup>13</sup> NEO: Para leituras posteriores, ver: Bettina Aptheker, *The Morning Breaks: The Trial of Angela Davis* (Nova Iorque: International Publisher, 1975); *The Angela Y. Davis*

## Rumo à frente unida

fundamental para ser provada – testada e provada. A atividade envolvendo a proteção e a libertação de pessoas que lutam por nós é um aspecto importante da luta, mas é importante apenas se fornece novas iniciativas que redirecionam e avançam a revolução sob novos métodos progressistas. Deve existir um redirecionamento coletivo da velha guarda, a fábrica e os agitadores sindicais, com panfleto e pistola silenciosa, o ativista de campo que pode combater os efeitos deletérios do fascismo em seu campo de treinamento, os intelectuais lumpemproletários com atitudes revolucionárias socialistas científicas para lidar com as massas de pessoas de rua que já vivem fora do sistema. Pretos, pardos, brancos são vítimas, lutem! Ao final desta massiva luta coletiva descobriremos o nosso novo homem; ele é uma criação do processo, o futuro, ele será melhor equipado para empreender a verdadeira luta, a luta permanente depois da revolução – a luta por novas relações entre os homens.

---

*Reader*, Donald Freed, *Agony in New Haven: The Trial of Bobby Seale, Ericka Huggins, and the Black Panther Party* (Nova Iorque: Simon and Schuster, 1973); Marjorie Heins, *Strictly Ghetto Property* (Berkeley, Califórnia: Ramparts, 1972); David DeLeon, ed., *Leaders from the 1960s: A Biographical Sourcebook of American Activism* (Westport, Conn.: Greenwood, 1994), p. 156; James Carr, *BAD – The Autobiography of James Carr* (Dublin: Pelagian Press; reimpressão, AK Press, 2002).